

UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista

Renato Nogueira^(*)

Umntu Ngumuntu Ngabantu^(**)

Máxima dos povos Xhosa e Zulu

RESUMO

Este ensaio visa apresentar as implicações para o campo da ética do conceito ubuntu. Não se trata de uma análise técnica, uma incursão acadêmica; mas, de um trabalho introdutório que pretende discorrer sobre uma possibilidade afroperspectivista para as relações das pessoas consigo e com as outras. O termo afroperspectivista tem um sentido simples, o conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas. O objetivo do ensaio é apresentar a ética ubuntu como uma maneira afroperspectivista de resistência e configuração dos valores humanos em prol de uma comunidade que seja capaz de compartilhar a existência.

Este ensaio tem o objetivo geral de apresentar as implicações para o campo da ética do conceito ubuntu. Não se trata de uma análise técnica, uma incursão acadêmica; mas, de um trabalho introdutório que pretende discorrer sobre uma possibilidade afroperspectivista para as relações das pessoas consigo e com as outras. Um ensaio com algum teor filosófico endereçado para o grande público. O termo *afroperspectivista* tem um sentido simples, o conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas.

Sem dúvida, a ideia de ubuntu ficou amplamente conhecida através do *software* livre para computadores, caracterizado principalmente pela proposta de oferecer um sistema operacional que possa ser utilizado facilmente por qualquer pessoa. Este ensaio não trata disso; mas, de ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica. Vale dizer que a palavra *ubuntu* é compartilhada com a mesma grafia e transcrição fonológica para quatro grupos étnicos (ndebele, swati, xhosa e zulu). Outros povos bantufonos também têm palavras com o mesmo sentido. Por exemplo, *hunhu* em xona e *botho* na língua sotho (RAMOSE, 2010). Não são raras as ocasiões que encontramos ubuntu traduzido como “humanismo”. Entretanto, estou de acordo com linguistas falantes de idiomas bantu e com o filósofo sul-africano Mogobe Ramose, que no livro *An African perspective on justice and Race* (2001), elucida que a palavra nasce de uma aglutinação entre *ubu* e

^(*) Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor adjunto do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ, coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (Afrosin), integrante do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) da UFRRJ.

^(**) Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas.

ntu. Ramose explica que *ubu* evoca a ideia do Ser, entendido de um modo dinâmico, integral, anterior às manifestações particulares ou modos de existência. O termo *ntu* já indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Vale destacar que *ubu* está invariavelmente orientado para *ntu*. Ou seja, na acepção de *ubuntu* toda a realidade está integrada. Com efeito, a tradução de *ubuntu* por “humanismo” não nos oferece toda a dimensão da palavra. Em linhas gerais, “*ubu*” indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. “*Ntu*” significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando.

UBUNTU: UMA ARTE DE VIVER EM AFROPERSPECTIVA

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas. A ideia de *ubuntu* atravessa, constitui e regula inúmeras comunidades africanas bantufonas. É importante considerar a afrodiáspora. Entendo por afrodiáspora, as bases racistas, os processos históricos e as implicações da escravização impetrada por árabes e europeus de povos negro-africanos a partir do século VIII¹, as migrações forçadas de povos negro-africanos na condição de pessoas escravizadas inicialmente para o próprio continente europeu e, em seguida, para colônias europeias entre os séculos IX e XIX, além das relações entre elites europeias e classes dirigentes africanas, com a cumplicidade de setores dessas elites africanas, foram estabelecidas relações assimétricas que foram decisivas no estabelecimento do modelo europeu de Estado-Nação e subdesenvolvimento dos países africanos no cenário mundial.

Mesmo diante da afrodiáspora, as sociedades falantes de idiomas do tronco linguístico bantu compartilham a noção de que a comunidade possui três dimensões: os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda não nasceram. A ética deve levar em consideração as três dimensões. Se a realização de uma pessoa está sempre na interação com todas as outras pessoas. É indispensável levar em conta os ancestrais e os que estão por vir. No idioma swahili existe um princípio chamado *kuumba*, a palavra significa, literalmente, criatividade. O que, em termos de princípio, remete a

¹ Ver Moore (2008a, 2008b). O pensador cubano-jamaicano explica como os árabes foram protagonistas da escravização negro-africana antes dos europeus e os valores culturais das sociedades árabes estavam permeados de racismo antinegro

capacidade de criar, inventar e usar toda nossa capacidade para deixar tudo que herdamos de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão.

O provérbio Gikuyu², *Kiunuhu gitruagwo* (a avareza não alimenta) diz muito da perspectiva ubuntu e pode facilmente ser associado à ética ubuntu, porque se a realização de uma pessoa passa pelas outras, significa que a capacidade de partilhar com as outras é fator indispensável na construção individual. Neste sentido, a generosidade é exaltada num sentido cada vez menos convencional, não se trata de ofertar, doar recursos ou fazer das outras pessoas um objeto da caridade individual. Mas, significa trabalhar junto e fazer do resultado dos esforços um campo vasto para circulação e proveito de todas as pessoas. Em outros termos, num sentido afroperspectivista, não ser avarento é compreender que o resultado de um trabalho individual nunca é realmente obra de uma pessoa; mas, sempre contou com a participação direta e indireta de outras pessoas. Portanto, o valor das coisas precisa ser compartilhado para reconhecemos as diversas faces de nossa existência junto com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um pequeno ensaio não pretende esgotar a vasta gama de possibilidades de uma ética ubuntu; mas, tão somente, abrir caminhos para novas experimentações existenciais. Não significa um saudosismo em torno de uma África mítica, romanticamente construída, tampouco uma contundente recusa completa dos valores ocidentais que atravessam e constituem a maior parte das sociedades contemporâneas. A proposta de tematizar uma ética afroperspectivista através do ubuntu como modo de existir tem o intuito de produzir um futuro dentro do presente. Em outros termos, podemos viver de um modo mais solidário, aprendendo mais com os que se foram, dando aos que virão a devida importância e, sobretudo, vivendo a vida de um modo compartilhado, recuperando as férteis possibilidades que diversos povos africanos deixaram como legado e continuam reinventando continuamente através dos mais diversos modos de existir, resistir e re-existir. Com efeito, ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros. Um primeiro passo para essas práticas está no que o filósofo Ramose chama de polidiálogo, isto é, no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos ouvir-falar sempre de uma maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso,

² Grupo étnico localizado no Quênia.



sem necessidade de vencer disputas; mas, procurando atravessar os caminhos e encruzilhadas que a existência reserva com o entendimento que atravessar em companhia pode servir como uma maneira de tornar a vida mais bela, solidária (e porque não dizer, sem querer incorrer em clichês), feliz. Porque ubuntu significa que só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também estão felizes.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi. *The Egyptian philosophers: ancient African voices from Imhotep to Akhenaten*. Illinois: African American Images, 2000.
- CUNHA JR., Henrique. Ntu. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 108, p. 81-92, 2001.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil*. Elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: IPAD, 2006.
- POSNANSKY, M. Introdução ao fim da Pré-história na África subsaariana. In MOKHTAR, Gamal. *História Geral da África, II: África antiga*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 585-606.
- RAMOSE, Mogobe B. *An African Perspective on Justice and Race*. Disponível em: <them.polylog.org/3/frm-en.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.
- _____. I conquer, therefore I am the sovereign. In: COETZEE, P.H.; ROUX, A.P.J. *The African Philosophy Reader*. London: Routledge, 2003.
- _____. *African philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books Publishers, 2003.
- _____. *Globalização e Ubuntu*. Trad.: Margarida Gomes. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 175-220.
- _____. A importância vital do “Nós”. Entrevista. Trad.: Luís Marcos Sander. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, 353, ano X, p. 3-9, 2010.
- SHUTTE, Augustine. *Philosophy for Africa*. Rondebosch, South Africa: UCT Press, 1993.